

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Veja

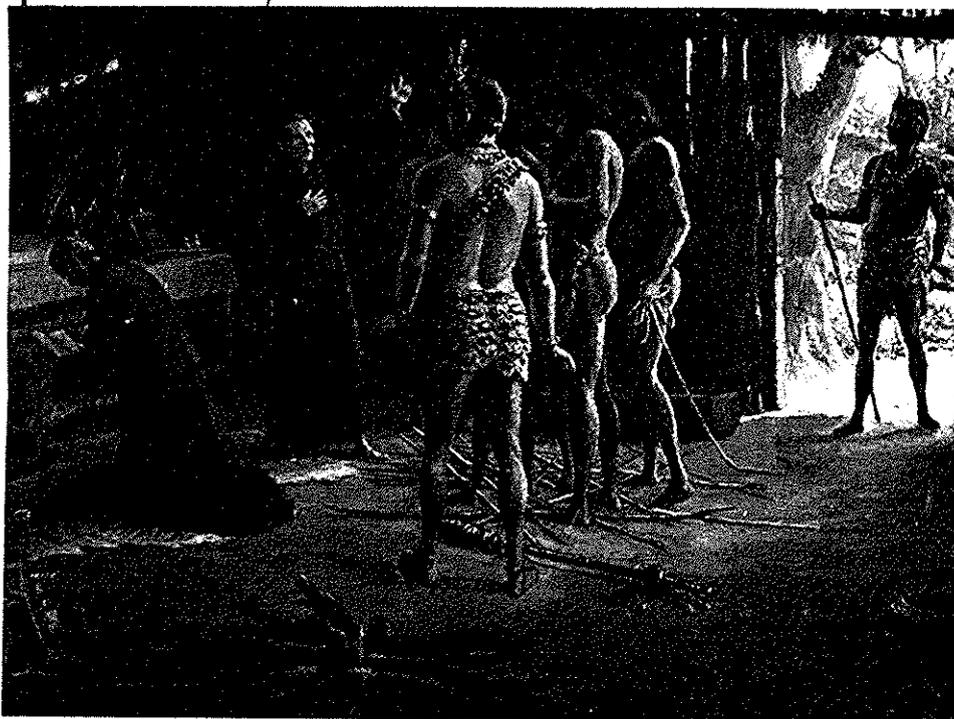
Class.:

311

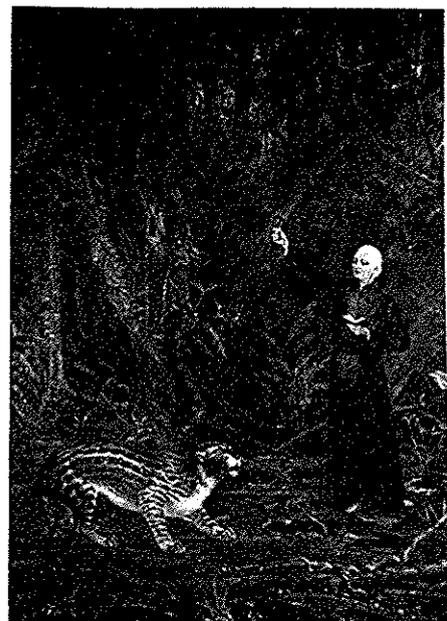
Data

10 de fevereiro de 1980

Pg.:



Anchieta e Nóbrega, pacificando os tamoios com a pregação...



... e em retiro, na selva

## Religião

# Anchieta nos altares

*Roma abre mão da comprovação de milagres a fim de que o Brasil tenha seu primeiro beato*

Quando o papa João Paulo II desembarcar no Brasil, no dia 13 de julho, o padre José de Anchieta (1534-1597) já estará sendo oficialmente venerado como o primeiro brasileiro a ascender à glória dos altares. Seu processo de beatificação, primeiro passo rumo à canonização, iniciado no século XVII e praticamente parado desde 1910, recebeu na terça-feira da semana passada o impulso decisivo para a conclusão. Os 21 cardeais membros da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, após uma longa sessão plenária, em Roma, decidiram propor ao papa que, no caso de Anchieta, não seja necessária a comprovação documental dos dois milagres de primeira grandeza exigidos dos candidatos à beatificação. Com isso, ficou removido o único obstáculo consistente para o encerramento do processo de beatificação, esperada para ainda este mês por uma declaração do papa. Segundo o "Index Status Causarum Beatificationis Servorum Dei", a última reunião plenária da Congregação dos Santos para estudar o caso Anchieta, no dia 15 de novembro de

1910, não ultrapassou a fase *antepreparatoria super miraculis* por intransponíveis dificuldades em provar que, "graças a sua intercessão e da maneira mais documental possível, ocorreram pelo menos dois feitos extraordinários, que fogem às leis da natureza".

Na longa história da Congregação dos Santos, fundada em 1588 pelo papa Sisto VI, com a bula "Immensa Aeterni Dei", é a primeira vez que se contorna tal exigência. Normalmente, cada milagre deve, primeiro, ser examinado tecnicamente por duas comissões de médicos e cirurgiões. Ultrapassados esses crivos é que ele passa definitivamente a fazer parte do processo, em que mesmo assim poderá ser objeto de discussões entre o "postulador" (advogado da causa) e o "promotor da fé" ou "advogado do diabo", metucioso contestador de todas as provas trazidas pelos interessados na causa.

PROBLEMAS TEMPORAIS — Provavelmente, além da fama de santidade que acompanha Anchieta desde os últimos anos de vida, também contou em sua

beatificação a vontade do próprio João Paulo II de desembarcar no Brasil com um trunfo político. O país, apesar de ostentar a maior concentração de católicos do mundo — teoricamente, cerca de 90 milhões —, teria escassas possibilidades de inscrever um santo no calendário católico. Nenhum dos raros candidatos nacionais apresentados à Congregação dos Santos conseguiu até hoje reunir individualmente dois milagres de primeira grandeza. Por isso sua dispensa, mesmo que possa parecer paradoxal em um pontificado que tem procurado restaurar a ortodoxia católica, pode ser facilmente compreendida. De resto, a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) já fizera, tempos atrás, em uma de suas assembleias, um veemente apelo a Roma no sentido de concluir rapidamente o processo de Anchieta, mas a resposta foi negativa, em vista dos cânones em vigor.

Problemas temporais, no entanto, já minaram outras causas ao longo da história eclesiástica. José, o monge voador de Copertino, na Itália, tão analfabeto que foi reprovado nos testes orais para o sacerdócio, foi canonizado em 1753 num claro recado de Benedito XIV ao racionalismo filosófico capitaneado por Voltaire, como se a Igreja quisesse dizer que idéias brilhantes não constituem um requisito essencial à santidade. Maria Goretti, morta pelas catorze facadas de seu agressor sexual, foi canonizada em 1950 num momento em

que Pio XII não escondia sua preocupação diante do que acreditava ser o início da derrocada da moralidade sexual.

#### DEMORADO E INTRICADO

— Em ambientes da Cúria Romana, detecta-se um esforço para afastar qualquer correlação entre a iminente beatificação de Anchieta e a visita de João Paulo II ao Brasil. Um membro da Congregação dos Santos disse a Marco Antônio de Rezende, correspondente de VEJA em Roma, que a beatificação aconteceria de uma forma ou de outra. E concluiu: “É indiscutível o imenso bem pastoral que Anchieta proporcionou ao Brasil. Sua fama de santo estava mesmo à espera de um definitivo reconhecimento oficial”. Coincidentemente, foi esse mesmo argumento que levou Clemente XII, no século XVIII, a dar-lhe o título de Venerável Servo de Deus, importante momento de um dos processos mais demorados e intrincados da Igreja.

Embora nascido nas ilhas Canárias, Espanha, foi no Brasil que Anchieta não só passou 47 de seus 63 anos de vida como também se habilitou para um dia figurar no painel de 2 500 santos católicos. O movimento para transformá-lo em beato começou vinte anos após sua morte, em 1617, por iniciativa



Anchieta em Iperoigüe: compondo seu poema à Virgem

FERNANDO MOTTA

de seus confrades, os jesuítas, e sua causa foi aceita pelo papa Urbano VII, em 1627. Já enfrentou três “advogados do diabo”, entre os quais o exímio canonista Próspero de Lambertinis, futuro papa Bento XIV, e em seu favor depuseram até hoje 208 testemunhas. Vicissitudes, como a expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal, em 1759, por ordem do marquês de Pombal, são apontadas como causas de tanta demora. Mas a grande dificuldade da Congregação dos Santos foi sempre estabelecer uma divisão entre o que era sagra-

do e mítico na biografia anchietana, quando não teve ela mesma de esclarecer a verdade histórica em episódios deturpados pela política colonial.

Assim, em seu processo figuram do depoimento de um sacristão que o viu “alevantarse do chão, durante a consagração” a episódios do tempo em que ele foi refém dos tamoiós na praia de Iperoigüe, quando escreveu na areia o clássico poema dedicado à Virgem Maria, após recusar as moças que os índios lhe ofereciam em prova de amizade; ou, ainda, a cena em que, aos gritos, Anchieta se pôs a pregar em tupi, depondo as armas de um grupo de índios que pretendia executar a ele e a Manuel da Nóbrega. Houve um episódio, inclusive, que quase nocautou a causa de beatificação de Anchieta. Ao que tudo indica, em 1567, durante a expulsão dos calvinistas franceses que haviam invadido o Rio de Janeiro, ele ensinou um carrasco a apressar o enforcamento de um anônimo soldado inimigo capturado durante a batalha. Mas a Congregação dos Santos cedeu ao argumento de que Anchieta agiu assim “diante da imperícia do verdugo, que expunha o réu, impaciente e violento como era, a sentimentos de desespero ou de ódio que aumentariam as penas a pagar no inferno”.

## Dez milagres atribuídos ao missionário

Mesmo sem o beneplácito da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, de Roma, os devotos atribuem infindáveis feitos extraordinários ao padre José de Anchieta, entre arroubos de misticismo e milagres de cura do corpo ou da alma. Eis alguns dos mais importantes:

■ Em São Paulo, o barco em que viajava Anchieta naufragou no rio Tietê. O barqueiro que o conduzia, após alguns mergulhos, foi encontrá-lo calmamente no fundo das águas, lendo o catecismo.

■ Os peixes estavam cada vez mais escassos na Bahia. Anchieta cha-

mou um pescador e, de uma janela, mostrou-lhe o lugar onde deveria arremessar a rede. Num único lançamento, o pescador capturou tanto peixe que deu não só para acudir às necessidades dos missionários jesuítas como para ser repartido entre os pobres.

■ Uma índia velha enterrou vivo o neto gerado pelo filho fora do casamento. Anchieta desenterrou o menino, restituiu-lhe a vida e o batizou.

■ Um índio, já amortalhado, levantou-se do túmulo e pediu que lhe trouxessem Anchieta. Após a cerimônia, tornou a morrer. Sua alma voltara ao corpo só para renunciar ao paganismo.

■ No século XVII, o jesuíta Francisco Pires curou-se repentinamente do

impaludismo após beber, num acesso de febre, alguns goles de água na qual mergulhara uma lasca do fêmur de Anchieta.

■ Faltava vinho para a missa e o padre que a rezaria não sabia o que fazer. “Ide e haveis de achar vinho!”, disse-lhe Anchieta. E o padre tropeçou numa botija repleta de vinho. Idêntico milagre Anchieta praticou ao fazer aparecer azeite para as lâmparas de uma igreja de Itanhaém, São Paulo.

■ Pressentindo a morte e vendo chegado ao fim o seu empenho para manter a lei de Deus entre os índios, Anchieta acelerou os seus milagres. Num único dia, converteu peixe em presunto para consolar um doente, curou um aleijado com um golpe de cajado e converteu um protestante com o sinal da cruz.